

RESISTINDO À BARBÁRIE E O FAZER SOCIOLÓGICO: TEORIA DO ATOR-REDE E TEORIAS DO SUL

Eduarda Paz Trindade¹

Resumo

Davi Kopenawa nos alerta para a queda do céu e Isabelle Stengers para a intrusão de Gaia. Então, como fazer sociologia resistindo à barbárie? O diálogo entre a Teoria do Ator-Rede com as Teorias do Sul é um caminho próspero para construirmos um fazer sociológico que rastreie as conexões sociais em todas as direções possíveis e produza verdades discutíveis, para além da sociologia do social. De tal maneira, o objetivo deste artigo é refletir sobre as aproximações entre Teoria do Ator-Rede e Teorias do Sul e as possibilidades de repensar nosso fazer científico, com base nas obras de Latour (2012), Stengers (2015; 2018), Kopenawa e Albert (2015) e Rosa (2016). Assim, ao agregar as problemáticas das Teorias do Sul às propostas metodológicas da Teoria do Ator-Rede, o caminho da sociologia Euro-Americanas é contornado, já que é na multiplicidade de perspectivas, nos embates e na construção de comprometimento nessa empreitada que surge a possibilidade de produzirmos algo novo.

Palavras-chave: Teorias do Sul. Teoria do Ator-Rede. Sociologia.

Resisting barbarism and sociological making: Actor-Network Theory
and Southern Theories

Abstract

¹ *Bacharela em Ciências Sociais – UFSM, Mestranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia – UFRGS, Integrante dos Grupos de pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento – GPACE/UFRGS; Sociologia das Práticas Alimentares – SOPAS/UFRGS; Trabalho, Agricultura e Movimentos Sociais – TRAMAS/UFSM e do Núcleo de Estudo e Extensão em Desenvolvimento Territorial e Territorialidades – NEDET/UFSM*

Davi Kopenawa warns us of the fall of the sky and Isabelle Stengers of the intrusion of Gaia. So how can we do sociology while resisting barbarism? The dialog between Actor–Network Theory and the Theories of the South is a prosperous way to build a sociology that tracks social connections in all possible directions and produces debatable truths, beyond the sociology of the social. The aim of this article is therefore to reflect on the approximations between Actor–Network Theory and Theories of the South and the possibilities for rethinking our scientific work, based on the works of Latour (2012), Stengers (2015; 2018), Kopenawa and Albert (2015) and Rosa (2016). So, by adding the problems of the Theories of the South to the methodological proposals of Actor–Network Theory, the path of Euro–American sociology is bypassed, since it is in the multiplicity of perspectives, in the clashes and in the construction of commitment in this endeavor that the possibility of producing something new arises.

Keywords: Theories of the South. Actor–Network Theory. Sociology.

Resistiendo a la barbarie y el trabajo sociológico: Teoría del Actor– Red y Teorías del Sur

Resumen

Davi Kopenawa nos advierte de la caída del cielo y Isabelle Stengers de la intrusión de Gaia. ¿Cómo hacer sociología resistiendo a la barbarie? El diálogo entre la Teoría del Actor–Red y las Teorías del Sur es una vía próspera para construir una sociología que rastree las conexiones sociales en todas las direcciones posibles y produzca verdades discutibles, más allá de la sociología de lo social. Por ello, el objetivo de este artículo es reflexionar sobre las aproximaciones entre la Teoría del Actor–Red y las Teorías del Sur y las posibilidades de repensar nuestro quehacer científico, a partir de los trabajos de Latour (2012), Stengers (2015; 2018), Kopenawa y Albert (2015) y Rosa (2016). Así, al sumar la problemática de las Teorías del Sur a las propuestas metodológicas de la Teoría del Actor–Red, se soslaya el camino de la sociología euroamericana, pues es en la multiplicidad de perspectivas, los choques y la construcción de compromiso en este quehacer donde surge la posibilidad de producir algo nuevo.

Palabras clave: Teorías del Sur. Teoría del Actor–Red. Sociología.

Introdução

O livro “A queda do céu, palavras de um Xamã Yanomami”, é um relato falado de Davi Kopenawa para seu interlocutor Bruce Albert. Nessa interação surge um trabalho sociológico e antropológico de um Xamã Yanomami que altera o nível e os termos do diálogo desigual entre os povos indígenas e os que Kopenawa chama de napë (“Branços”) (Viveiros de Castro, 2015). A queda no céu abre nossos olhos sobre a sociologia tradicional, a qual Bruno Latour (2012) denomina de “sociologia do social”. Kopenawa nos mostra o estatuto ontológico dos napë, onde eles vivem, com o que sonham e questiona a assombração dos brancos pelo desejo, sem limites, pelo consumo de mercadorias venenosas (Viveiros de Castro, 2015).

Desse modo, Isabelle Stengers (2015) ao realizar uma reflexão sobre as relações entre capitalismo, o Estado e as ciências frente às questões ecológicas, políticas e sociais, a partir do chamado “crescimento econômico”, expõe que o preceito principal, quando o que está em jogo é o chamado “desenvolvimento”, é de não ter cuidado. O que significa que o capitalismo nos obriga a esquecer a arte de ter cuidado. Esta arte exige, que saibamos resistir à tentação de julgar e isso impacta diretamente no nosso fazer científico (Stengers, 2015). O “tenha cuidado” é traduzido para “princípio de precaução”, o qual afirma que “para levar em conta um risco grave e/ou irreversível para a saúde ou para o meio ambiente, não é necessário que esse risco seja ‘cientificamente provado” (Stengers, 2015, p. 30).

Então, como fazer sociologia resistindo à barbárie? Um dos caminhos parece ser o que Marcelo Rosa (2016) nos apresenta ao propor uma aproximação entre as Teorias do Sul² e a Teoria do Ator-Rede (TAR). Assim, a questão principal desses escritos é uma disciplina que combine a reivindicação geopolítica em relação à

² “Nomear Gaia e caracterizar como intrusão os desastres que se anunciam, é crucial salientar, depende de uma operação pragmática. Nomear não é dizer a verdade, e sim atribuir àquilo que se nomeia o poder de nos fazer sentir e pensar no que o nome suscita. No caso presente, trata-se de resistir à tentação de reduzir a um simples “problema” o que constitui acontecimento, o que nos atormenta. Mas também de fazer existir a diferença entre a questão imposta e a resposta a ser criada” (Stengers, 2015, p. 21).

produção da teoria social, com os elementos que acabam sendo negligenciados pela sociologia euro-americana tradicional (Rosa, 2016). Desta forma, o autor propõe um diálogo com as definições do social e da agência propostas pela Teoria do Ator Rede (TAR), a solução não está na universalização dos modelos atuais de agência (reflexivos e racionais), uma vez que a posição hegemônica do centro Euro-América seria perpetuada (Rosa, 2016).

Nesse sentido, Bruno Latour (2012, p. 23) afirma que o social está sempre em ação, se movimentando e buscando, novas associações, um social que se associa em vários e ilimitados agregados, “um movimento peculiar de reassociação e reagregação”. O social é dependente de nossas opções teóricas e metodológicas e dessa forma esta abordagem possibilita uma disputa sobre o social, reconhecendo sua natureza limitada e precária e contribuindo para uma “política ontológica” (Rosa, 2016).

Diante disso, o objetivo deste trabalho é refletir sobre as aproximações entre Teoria do Ator-Rede e Teorias do Sul e as possibilidades que elas nos apresentam para repensarmos um fazer sociológico que abarque os desafios no tempo das catástrofes. Assim, o artigo terá como horizonte as obras de Latour (2012), Stengers (2015; 2018), Kopenawa e Albert (2015) e Rosa (2016). Também, vale destacar algumas questões que abordaremos ao longo deste exercício de explorar as teorias. Inicialmente será exposto, brevemente, a Teoria do Ator-Rede e as Teorias do Sul. Depois, suas contraposições e potencialidades da aproximação dessas teorias. E, por fim, alguns caminhos possíveis, nesse desafio do fazer sociologia no tempo das catástrofes.

1. Afinal, o que são as Teorias do Sul e a Teoria do Ator-Rede?

Teorias do Sul, Sociologias do Sul ou Epistemologias do Sul, são termos utilizados em trabalhos que tentam aprimorar o pensamento sociológico contemporâneo. Além disso, para Rosa (2016), os escritos “do Sul” são posicionamentos políticos que buscam enfatizar as consequências teóricas e metodológicas da forma colonial como a sociologia foi estabelecida, a qual exclui de seus cânones, os autores e as experiências fora do eixo Euro-América.

Esses escritos partem da sociologia do conhecimento, da sociologia do poder e, principalmente, dos movimentos teóricos iniciados por intelectuais asiáticos, africanos e latino-americanos, visando evidenciar as desigualdades na produção do conhecimento nas ciências sociais (Rosa, 2016).

Com tantas expressões para designar aos escritos “do Sul” e mesmo os autores que empregam elas, não é possível falarmos no singular, por exemplo, “Sociologia do Sul”. Isso ocorre, porque os autores que falam do Sul estão olhando para assuntos completamente distintos. O que é compartilhado por eles é a crítica à geopolítica das ciências sociais em relação à produção, circulação e distribuição do conhecimento. Para Rosa (2016, p. 3, tradução nossa³): “Seus objetos são processos, objetos e métodos, mas também teorias e teóricos ignorados pelas grandes narrativas sociológicas devido ao fato de estarem situados fora do circuito acadêmico euro-americano”. Logo, as expressões ganham força analítica apenas quando argumentos, atores, processos e histórias regionais são estrategicamente mobilizados para criticar os padrões, métodos ou narrativas hegemônicas nas ciências sociais (Rosa, 2016).

A crítica mobilizada pelas Teorias do Sul, está ancorada nas especificidades de determinados corpus, países, culturas e cosmologias para ser possível colocar desafios globais. Por conta disso, Rosa (2016) inclui em sua análise textos da literatura pós-colonial, decolonial, indígena, feminista e endógena. O autor, ao apresentar os argumentos de alguns intelectuais que empregam escritos “do Sul” enquanto uma alternativa aos modelos sociológicos já estabelecidos, identificou que eles compartilham três argumentos principais, apesar de suas diferenças.

O primeiro argumento destaca e critica os efeitos negativos do colonialismo e capitalismo na produção, distribuição e circulação de conhecimentos produzidos no Sul. Já o segundo argumento aponta para a existência de processos/atores/histórias que surgiram na colonização e não foram considerados local ou globalmente por conta da força geopolítica do conhecimento. Terceiro e último argumento, compartilhado de formas diferentes, aponta para as agências locais indefinidas que existem no Sul,

³“Its objects are processes, objects and methods but also theories and theorists ignored by the grand sociological narratives due to the fact that they are situated outside the Euro-American academic circuit”.

independente do sistema colonial e moderno. Rosa (2016), expõe que o segundo e o terceiro argumento precisam ser melhor desenvolvidos, uma vez que seu arcabouço teórico e metodológico pode oferecer desafios para a teoria social hegemônica.

Diante disso, o problema principal é a distribuição e circulação das teorias realizadas no Sul, capturadas por contextos regionais, nacionais e por sujeitos. Para Rosa (2016), as Teorias do Sul contribuem para explicar questões relativas, por exemplo, à América Latina e ao racismo, mas raramente as questões epistemológicas alavancadas por essas teorias aparecem em debates gerais sobre a teoria social. O apagamento das experiências históricas da humanidade que estava e está fora do eixo Euro-América não é incluída desde a fundação da teoria social, essa exclusão, é o que Quijano chama de colonialidade do poder e do saber, uma dominação que transcende as barreiras territoriais e econômicas e concentra-se no poder classificatório das teorias e métodos sociais eurocêntricos (Quijano, 2000; Lander, 2000).

O fazer sociológico fora do eixo hegemônico apresenta-se como um desafio para os pesquisadores e teóricos do Sul. Segundo Rosa (2016), grande parte dos textos que analisou reconhecem que as teorias, métodos, sujeitos e as formas de conhecimento do Sul são excluídos das teorias hegemônicas e no significado de agência. Dessa forma, as Teorias do Sul buscam analisar através das agências que se apresentam no encontro entre o moderno, ocidental e demais processos do Sul e como não se pode falar de apenas uma Teoria do Sul, há diferenças em como realizar essa análise.

Para Rosa (2016), os autores Mignolo e Grosfoguel, que se posicionam na ciência social decolonial e utilizam o conceito de teoria da fronteira para descrever as formas do Sul de pensar e agir que desafiam os modos ocidentais. A fronteira seria epistêmica e ontológica, o qual ao longo delas as lógicas de emancipação da modernidade seriam redefinidas através das cosmologias e epistemologias do subalterno e do colonizado. Os autores destacam a privação e o apagamento, mas não realizam uma crítica densa sobre como as descrições do Sul são realizadas pela sociologia hegemônica. O foco fixa-se nas formas criativas como o Sul lida com os problemas que são produto da colonização e

acabam respondendo a partir das categorias criticadas: tempo e espaço. Esta forma de análise leva a criação de outras que são ontologicamente dependentes ou derivados das narrativas Euro-Americanas e que fogem do determinismo (Rosa, 2016).

Algumas contribuições que Rosa (2016) analisou, partem das agências que emergem onde histórias, tempos e espaços de colonizadores e colonizados conspiram e são todos afetados pelos encontros. Esses momentos produziram novas estruturas, realidades e agências que alteram o panorama social do Sul, ou seja, momentos ontoformativos (Connel, 2012, 2016). Alguns grupos sociais, nesta perspectiva, são colocados na vanguarda como os indígenas, camponeses, mulheres, negros e sem-terra e metodologicamente estende-se para esses grupos as mesmas propriedades positivas dos grupos/sujeitos do eixo hegemônico, as quais são a racionalidade, a flexibilidade e a agência histórica. Nesta perspectiva, os outros encontros que não emergem da violência moderna e colonial acabam tendo pouco espaço.

Além dessa segunda perspectiva, Rosa (2016) identificou uma terceira que possui maior alcance de transformação da disciplina. Esta perspectiva sugere que as categorias sociais, que são selecionadas possuem propriedades que não devem ser compreendidas apenas aplicando as ontologias sociológicas hegemônicas, visto que elas acabam encontrando o processo Euro-Americano e, também, nas vidas coletivas que coexistem com a modernidade.

Assim, é fundamental destacar que na América Latina, os intelectuais que partem da crítica apresentada ao longo desse tópico, chamavam esse processo de decolonialidade e após, desvinculação: "Uma desvinculação que leva a uma mudança epistêmica decolonial e traz para o primeiro plano outras epistemologias, outros princípios de conhecimento e de compreensão e, conseqüentemente, outra economia, outra política, outra ética" (Mignolo, 2007, p. 453, tradução nossa⁴). Os intelectuais da África e da Ásia, apesar de algumas diferenças, conduziram com um processo similar chamado de

⁴"A delinking that leads to decolonial epistemic shift and brings to the foreground other epistemologies, other principles of knowledge and understanding and, consequently, other economy, other politics, other ethics".

indigenização/endogenização. Os desafios centrais para esses termos são:

(1) a necessidade de transformar as agendas de pesquisa, os métodos e as teorias euro-americanas e adaptá-los aos contextos locais (endogenização); e (2) a incorporação de formas, processos e métodos de conhecimentos locais para expandir o horizonte da sociologia global, tendo em mente que o método euro-americano ou ocidental, como argumenta Chakrabarty (2000), também é provinciano (indigenização). Os exemplos sugeridos incluem o uso de cosmologias religiosas como a iorubá (Akiwowo, 1999), poesia (Adesina, 2002), filosofia islâmica secular (Alatas, 2006), epistemologias populares (não pobres) e suas formas de convivência (Borges, 2009; Nyamnjoh, 2012). Nenhum deles é um produto ou resultado necessário do encontro colonial, ou uma forma de resistência (Rosa, 2016, p. 7-8, tradução nossa⁵).

As Teorias do Sul, Sociologias do Sul ou Epistemologias do Sul, são tentativas recentes de elaboração de críticas mas que carecem de uma uniformidade conceitual e metodológica. Nessas proposições em que Rosa (2016) apresenta, os escritos do "Sul" buscam ontologias que não foram consideradas pelas ciências sociais modernas, mas são ativas na formulação da existência contemporânea em certas regiões do Sul. O principal obstáculo desta terceira perspectiva é a definição da própria disciplina: "a sociologia se tornou gradualmente uma forma de conhecimento para e pelos modernos e, como consequência, se baseou em uma relação muito específica entre ontologia e agência" (Rosa, 2016, p. 8, tradução nossa⁶). Para alterar a ontologia e a agência, é preciso reivindicar as especificidades do Sul. Depois dessa breve exposição

⁵"(1) the need to transform Euro-American research agendas, methods and theories and adapt them to local contexts (endogenization); and (2) the incorporation of forms, processes and methods of local knowledges to expand the horizon of global sociology, bearing in mind that the Euro-American or Western method, as Chakrabarty (2000) argues, is also provincial (indigenization). Suggested examples include the use of religious cosmologies like the Yoruba (Akiwowo, 1999), poetry (Adesina, 2002), secular Islamic philosophy (Alatas, 2006), popular (not poor) epistemologies and their ways of conviviality (Borges, 2009; Nyamnjoh, 2012). None of these are a necessary product or result of the colonial encounter or a form of resistance".

⁶"sociology has gradually become a form of knowledge for and by the modern and, as a consequence, has relied on a very specific relationship between ontology and agency".

sobre as Teorias do Sul e seus desdobramentos e desafios, cabe realizar o mesmo com a Teoria do Ator-Rede.

A TAR começou a ser elaborada nos anos de 1980 a 1990 a partir dos estudos da Ciência e Tecnologia e inicialmente, Bruno Latour, Michel Callon e John Law, foram os primeiros e principais formuladores nessa teoria (Coutinho; Viana, 2019). O destaque deste trabalho fixa-se no sociólogo e filósofo francês, Bruno Latour, que teve como intuito em diversos trabalhos estruturar um pensamento sobre a Teoria do Ator-Rede e no seu trabalho “Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede”, publicado originalmente em 2005. Nesta obra, Latour retoma o conceito do “social” para redefini-lo e possibilitar a realização de conexões. Para isso, o autor aponta duas abordagens para começar a discussão.

A primeira é a sociologia do social, que seria a tradicional “ciência do social”, produto das propostas de Durkheim em que o domínio especial é um objeto particular e refere-se apenas a humanos e às sociedades modernas, estabelecendo um “social diluído por toda parte e por nenhuma em particular” (Latour, 2012, p. 19). Já a segunda, com o intuito de contrapor a sociologia do social propõe uma alternativa mais ampla. Nesta perspectiva, pensar o social é compreendê-lo enquanto a busca de novas associações, e retornar ao significado original da palavra. Então, estabelece-se assim, a sociologia de associações (ou associologia), “um movimento peculiar de reassociação e reagregação” (Latour, 2012, p. 23).

Desta forma, na segunda abordagem, a sociologia é definida como “um tipo de conexão entre coisas que não são em si mesmas sociais” (Latour, 2012, p. 23). Assim, o social para a TAR é heterogêneo, é um deslocamento, uma transformação, um registro, é um tipo de associação momentânea a qual é caracterizada pela forma em que aglutina e assume novas formas (Latour, 2012). O objetivo dessa sociologia é seguir os atores humanos e não humanos e todas as suas associações e inclusive as reagregações entre natureza e cultura.

Para Latour (2020), a separação entre natureza e cultura, sujeito e objeto são divisões modernas. Em relação à natureza e cultura, o autor aponta a não existência de uma relação de dominância entre esses conceitos, para obter a definição de um *terá* que definir

o outro. São incertas, são “irmãs siamesas impossibilitadas de terem troncos separados, apesar de terem duas cabeças, não havendo outra natureza senão a de definição de cultura” (Latour, 2020, p. 34–35). O autor aponta que os “humanos e objetos são nitidamente diferenciados. No entanto uma diferença não é uma divisão”, dessa forma atribuímos a capacidade de agência às coisas (Latour, 2012, p. 114).

Neste sentido, a partir da releitura do social e do objetivo de achatar as classes epistemológicas modernas, Latour utiliza a ideia de actante para se opor à noção da sociologia clássica de ator social (Santaella; Cardoso, 2015). A ação social para Latour é a ação da associação, da combinação de actantes (humanos e não humanos), uma vez que a ação não é uma propriedade dos humanos, mas de uma associação de actantes (Latour, 1994). Além disso, a TAR argumenta que é possível rastreamos as relações mais sólidas e descobriremos os padrões mais reveladores a partir do registro dos vínculos entre quadros de referências que são instáveis e mutáveis, no lugar de estabilizá-los. Para isso, é preciso flutuar nos dados, seguir os actantes para identificar o que os influenciam, como estão performando e quais associações estão realizando. É o exercício de seguir as associações e os desvios na rede dos actantes e não é explicar o social enquanto um conjunto de conceitos interligados. O social é vivo, móvel, imutável e autônomo, imerso em controvérsias (Latour, 2012).

Latour (2012), fiel aos princípios relativistas, não divide o domínio do social em uma lista de atores, métodos e domínios, que são considerados membros da esfera social e sim por tipos de controvérsias do que compõem o universo. Também, ao olharmos para o social nas lentes da Teoria do Ator-Rede, as possibilidades de desvios e associações das ações dos atores humanos e não humanos que o compõem expõe que as controvérsias estão presentes naturalmente. Para auxiliar nesta tarefa de desdobrar as controvérsias e interpretar sociologicamente as ações, seguindo os rastros dos atores e encontrando as entidades que atuam na rede, Latour propõe examinarmos a partir de cinco incertezas metodológicas e nos alimentarmos das controvérsias e não interromper o fluxo delas:

a natureza dos grupos: há várias formas contraditórias de se atribuir identidade aos atores; a natureza das ações: em cada curso de ação, toda uma variedade de agentes parece imiscuir-se e deslocar os objetivos originais; a natureza dos objetos: o tipo de agências que participam das interações permanece, ao que tudo indica, aberto; a natureza dos fatos: os vínculos das ciências naturais com o restante da sociedade parecem ser constantemente fonte de controvérsias; finalmente, o tipo de estudos realizados sob o rótulo de ciência do social, pois nunca fica claro em que sentido exato se pode dizer que as ciências sociais são empíricas (Latour, 2012, p. 42).

As controvérsias não devem ser consideradas enquanto um aborrecimento ou um obstáculo a ser evitado ou retirado. É através das controvérsias que as ciências sociais se fazem. Dessa forma, a partir dessas incertezas metodológicas apresentadas por Latour, irei dar destaque para a primeira, a qual desmonta a natureza dos grupos utilizados no campo social. Logo, o que chamam de grupos, são movimentos de agregação de diferentes elementos. Os grupos que são formados no decorrer do movimento dos atores. A proposta dessa teoria é buscar os movimentos associativos se constituindo e não um determinado grupo já elaborado, porque “as formações de grupos deixam muito mais traços em sua esteira do que as conexões já estabelecidas” (Latour, 2012, p. 54). E, é na performance da associação e nos meios que foram utilizados para estabilizar que iremos encontrar os traços que irão auxiliar no desdobramento do mundo social (Gonzales; Baum, 2013).

A Teoria do Ator-Rede permite que possamos tecer uma cartografia das controvérsias que se estabelecem, também, enquanto uma cartografia social, que auxilia na investigação social contemporânea (Venturini, 2010) através do rastreamento das conexões sociais e do trabalho para estabilizar as controvérsias (Latour, 2012). Com a metáfora da cartografia, Bruno Latour (2012, p. 37) coloca que a TAR “procurou tornar o mundo social o mais achatado possível para garantir a total visibilidade de qualquer vínculo novo”. Logo, a TAR, movimentando-se pelas associações e desvios, direciona que não cabendo a nós pesquisadoras e pesquisadores, julgar as definições, mas mapeá-las. Assim, o ator-rede é aquilo que “é induzido a agir por uma vasta rede, em forma de estrela, de mediadores que entram e saem” (Latour, 2012, p. 312). Latour acrescenta que:

São sempre as coisas – tomadas no sentido literal – que, na prática, transmitem sua 'consistência' à frágil 'sociedade'. De fato, o que os sociólogos entendem por 'poder da sociedade' não é a sociedade em si – isso seria magia pura –, mas algum tipo de generalização para todas as entidades já mobilizadas no intuito de perpetuar as assimetrias (Latour, 2012, p. 103).

Desta forma, a partir de uma epistemologia aberta (densa e artesanal) (Massoni; Moreira, 2017), Latour (2012) orienta que se considerarmos a TAR, é necessário seguirmos os rastros dos atores de uma rede, observá-los e descrevê-los. E enfatiza que o conhecimento científico é produto das ações e movimentos que estabelecem-se com os actantes e com a observadora ou observador. Nesse sentido, em concordância com Marcelo Rosa (2016), é interessante levarmos em conta a Teoria do Ator-Rede e agregarmos os problemas “do Sul” às propostas metodológicas da TAR, para uma redefinição do fazer sociológico seja costurada. Tendo isso em mente, realizamos a seguir, o exercício de pensarmos as possibilidades e para onde ir a partir das Teorias do Sul e da Teoria do Ator-Rede, com o auxílio das obras de Isabelle Stengers, Davi Kopenawa e Bruce Albert.

2. Como fazer sociologia resistindo à barbárie?

A globalização a que estamos submetidos, principalmente os povos tradicionais, do campo e das águas, é a que se impõem com a expansão da guerra econômica, com o lema “crescimento ou a morte” (Medeiros, 2019). Para a filósofa da ciência, Isabelle Stengers (2015), a fim de formularmos respostas para os problemas que estamos enfrentamos nesse tempo de catástrofes, não devemos olhar inicialmente para as respostas que serão fornecidas pelas ciências, muito menos pelo Estado, uma vez que ambos são parte do problema. É necessário que a visão de mundo dominante e seus valores, colocados acima sobre todos os outros, seja questionada.

Stengers (2015), apresenta um exemplo da interação entre capitalismo-Estado-ciência ao relembrar o caso na Europa, sobre o debate dos organismos geneticamente modificados. Nessa exemplificação, possibilita compreendermos como essa interação, transforma a ciência em uma “economia do conhecimento”,

colocando em xeque a palavra de ordem “a ciência a serviço de todos” (Stengers, 2015) e, também, revela o embate dos mundos e cosmopolítico (Kopenawa; Albert, 2015). A autora sugere questionarmos as proposições dos cientistas desenvolvimentistas, principalmente os que possuem como pretensão a apresentação de respostas globais à intrusão de Gaia:

A autoridade deles só existe na medida em que o mundo, nosso mundo, permaneça como está – ou seja, fadado à barbárie. Suas 'leis' supõem, antes de tudo, que 'nós' fiquemos em nosso lugar, desempenhemos os papéis que nos são atribuídos, tenhamos o egoísmo cego e a incapacidade congênita de pensar e de cooperar (Stengers, 2015, p. 24).

Dessa forma, ao reconhecermos essa intrusão o caminho deve ser o da resistência, contra o modelo econômico de destruição que dentre seus artefatos de exploração possui um modelo científico, em que a irresponsabilidade, negligência tornou-se um direito e a regra é o de não ter cuidado, definindo “a Terra como recurso explorável de forma ilimitada” (Stengers, 2015, p. 19). Tendo isso em mente, Stengers mobiliza alguns questionamos como “a inovação como palavra de ordem e dogma econômico tem beneficiado quem? as indústrias? e a responsabilidade ecológica, humanitária, das indústrias e das empresas com relação a seus produtos e suas produções?” (Medeiros, 2019).

Segundo Sztutman (2018, p. 339), Isabelle Stengers “atenta para o processo de afirmação das ciências modernas a partir da obliteração de práticas julgadas equivocadas, irracionais”. A filósofa apresenta a cosmopolítica enquanto uma proposição para desacelerarmos os raciocínios e fugir do atrativo kantiano, o qual induz a uma perspectiva da existência de um “cosmos”, um “bom mundo comum” (Stengers, 2018). Stengers propõe agenciarmos o conjunto de problemas que pensamos sob o prisma da política para que o pensamento coletivo se construa em presença, que por conta da sua insistência eles fazem existir. Isto é:

Dar a essa insistência um nome, cosmos, inventar a maneira mediante a qual a 'política', que é a nossa assinatura, poderia fazer existir seu 'duplo cósmico', as repercussões disso que vai ser decidido, disso que

RESISTINDO À BARBÁRIE E O FAZER SOCIOLÓGICO

constrói suas razões legítimas, sobre isso que permanece surdo a essa legitimidade, eis a proposição cosmopolítica (Stengers, 2018, p. 448).

A proposta cosmopolítica de Stengers (2018) é de desacelerar e colocar como desafio ver o mundo enquanto único mas não unívoco, um mundo com muitos mundos. É uma proposição de politização, que tem a intenção de devolver à humanidade o direito à propriedade intelectual para “construir práticas que conjuguem liberdade e ‘rastreadibilidade’” (Stengers, 2018, p. 3). A possibilidade dessa retomada está nas divergências, no encontro de algo que resista a elas e ao capitalismo cognitivo, destruidor da comunidade e naturalizador da apropriação do comum (Stengers, 2015). Diante disso, é necessário criar uma resposta à intrusão de Gaia, um ser dotado de uma história, de um regime de atividades próprio, produto das múltiplas maneiras em que os processos que a constituem são articulados entre si (Stengers, 2015). A cosmopolítica é então uma “expressão a um só tempo de uma ‘nova natureza’ da política e de uma ‘nova política’ da natureza” (Floriani, 2009). É a tentativa de demonstrar como o fazer científico também constrói mundos.

Assim, destacamos a América Latina, local de diversas subjetividades sobre Gaia, que se distanciam da cosmologia do eixo Euro-América em que a natureza é percebida enquanto um recurso, algo a ser explorado em nome do “desenvolvimento” e “progresso”. Davi Kopenawa (2015, p. 472) nos alerta: “a floresta respira, mas os brancos não percebem”. Logo, cabe a nós, cientistas, repensarmos nosso fazer científico para alterar a direção da esteira que está nos conduzindo à barbárie. E para podermos fazer sociologia e resistir à barbárie é necessário além de deslocar a narrativa presente no eixo hegemônico – que respinga no fazer sociológico dos intelectuais asiáticos, africanos e latino-americanos – o cosmos precisa ser expandido, não podemos continuar contando mais as mesmas histórias (Stengers, 2015; Latour, 2020).

Nesta esteira, as Teorias do Sul já estão contando outras histórias. O livro do xamã Kopenawa e o antropólogo Abert (2015), é um desses exemplos e deve ser considerado para esse desafio de resistir à barbárie. Kopenawa critica a branquitude e suas formas de se relacionar, viver e produzir com os seres não humanos, sublinhando como as mercadorias moldam as mentes dos não indígenas. Nesse

sentido, o xamã desenvolverá um denso discurso cosmopolítico, abordando problemas relacionados aos conflitos interétnicos e ecológicos, para dentro e fora da floresta. Pensar na intrusão de Gaia é questionarmos sobre “o que é preciso para tentar responder a ela de um modo que não seja bárbaro?” (Stengers, 2015, p. 43).

Dessa forma, destacamos a concepção para os Yanomami de Terra-Floresta exposta por Kopenawa, que demonstra a impossibilidade de uma visão dicotômica entre natureza e cultura. A Terra-Floresta é “a casa dos espíritos” ao mesmo tempo em que é um lugar vivo e de compartilhamentos (Kopenawa; Albert, 2015, p. 120). É uma casa que estabelece uma relação mútua e permanente entre ela e os que nela habitam, indicando uma interação múltipla entre os humanos e os não humanos. Segundo Kopenawa (2015, p. 497), para os Yanomami “a floresta é inteligente, ela tem um pensamento igual ao nosso” e aponta que a natureza precisa ser percebida enquanto pertencente a um corpo, vivo e inteiro. E afirma que quando em nome da preservação a repartimos e apontamos o que deve ser protegido ou não, tornamos a Terra-Floresta estéril.

De forma similar com as Teorias do Sul, a Teoria do Ator-Rede questiona o colonialismo epistemológico, sendo o seu enfoque as teorias sociais hegemônicas. Pensando nas potencialidades de ambas, a proposta de Rosa (2016) é de utilizarmos a TAR enquanto uma ferramenta que possa dialogar com as Teorias do Sul. Por exemplo, a Gaia de Stengers tanto na perspectiva de que o mundo é atravessado por inúmeras ontologias não-humanas e que exige que aprendamos a segui-lo, quanto na perspectiva de que os Terranos substituam o que denominamos de Humanos. As representações da natureza são colocadas como centrais para os conflitos políticos e interligadas aos conflitos sociais, uma vez que estão ligados com as relações entre os humanos e não humanos (Stengers, 2015; Latour, 2004). Desta forma, é o produto das disputas do fazer científico e cosmológicas sobre de que forma explicar e representar a natureza, que convertem a política em cosmopolítica (Stengers, 2018).

Segundo Rosa (2016), John Law aponta a limitação da expansão das ciências sociais, a partir do que ele refere como método euro-americano. A hegemonia das tradições nesse eixo Euro-América é composta por três pilares: a metafísica, as instituições e as

subjetividades. Esses pilares, a partir desta perspectiva, servem como base para uma característica central desse método: a obsessão por uma única forma de organizar o mundo. Com esse método o horizonte é ordenar, organizar e homogeneizar o mundo, e como consequência apagar e desqualificar a heterogeneidade, caracterizando-a enquanto uma distração, falha ou desvio. Law deseja contribuir, assim como a proposta das Teorias do Sul, com uma renovação do modo como as ciências sociais são feitas hoje, a partir de uma perspectiva predominantemente euro-americana (Rosa, 2016).

No encontro não planejado entre a Teoria do Ator-Rede e as Teorias do Sul, as teorias acordam na denúncia da violência cometida através das narrativas do eixo hegemônico a partir do uso de seus três pilares para apresentar determinados fenômenos enquanto inquestionáveis do mesmo modo em que se abraçavam ao conceito predominante do social. Bruno Latour (2012) aponta a redefinição das noções do "social", enquanto principal desafio da TAR. Aqui, a sociologia seria redefinida enquanto um traçado de associações, abandonando a definição de ciência do social, mas ainda fiel às instituições originais das ciências sociais.

A proposta latouriana é definir o social enquanto um movimento de associações em uma reunião de elementos presentes no mundo, sendo eles humanos e não humanos. De acordo com esta perspectiva, o "social" é coletivo, constituído por um tipo de associação em constante movimento, reunindo suas novas formas. Esta sociologia de associações estabelece um instrumento retórico, em que o social é produto das pesquisas e não sua fonte ou explicação, ele deve ser reconstruído em todas as investigações em que propomos realizar (Latour, 2012).

Considerando essa redefinição do social, nos esbarramos em mais uma problemática abordada pelos escritos "do Sul", a imposição da teoria sociológica euro-americana, que mesmo quando praticada fora desse eixo, estabiliza o social e estabelece, por exemplo, quais das entidades ou seres poderiam receber agência e quais seriam mais importantes na perspectiva sociológica (Rosa, 2016). Aqui é exposto um dos limites da teoria social e é, portanto, necessário que as dimensões ontológicas da sociologia sejam repensadas. Para a superação desse limite, escancarado por essas teorias, o caminho é manter o social plano (Latour, 2012) nas nossas

descrições e dando o mesmo espaço e coerência a todos os actantes em nossas observações limitadas (Rosa, 2016). Latour (2012, p. 180 e 189) propõe “trazer para o primeiro plano o próprio ato de compor relatos”, uma vez que um “bom texto tece redes de atores quando permite ao escritor estabelecer uma série de relações definidas como outras tantas translações”.

Também é importante destacar, que manter o social plano não é o mesmo que dizer que o mundo social real é plano, mas sim fugir de um enquadramento cartográfico. Desta forma, questionarmos sobre a maneira que estamos arranjando os objetos faz sentido e é relevante ou não para o contexto que estamos descrevendo, deve nortear as investigações. A proposta da Teoria do Ator-Rede, além da redefinição do social, é também a redefinição da noção de agência. Na TAR, a capacidade de agência é um dado que deve ser considerado parte dos resultados e, portanto, nenhum actante deve ser privilegiado ou excluído (Rosa, 2016).

Para Latour todos os objetos possuem potencial de agência, mas alerta que “a TAR não é [...] a criação de uma absurda simetria entre humanos e não humanos” (Latour, 2012, p. 114). A Teoria do Ator-Rede não alega que os não humanos realizam coisas no lugar dos humanos e sim que “nenhuma ciência do social pode existir se a questão de o que e quem participa da ação não for logo de início plenamente explorada” (Latour, 2012, p. 109). Desse ponto de vista, ao iniciarmos as nossas pesquisas, é necessário que seja realizada a distinção entre os mediadores que são os que “transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam” e os intermediários que “é aquilo que transporta significado ou força sem transformá-los: definir o que entra já define o que sai” (Latour, 2012, p. 65).

Seguindo essa linha, para Rosa (2016) não é tudo o que é considera-se possuir a capacidade de transformação (mediador), na teoria sociológica clássica teria realmente um efeito em determinadas situações ou lugares:

Apesar do fato de as ideias associadas à modernidade terem chegado a todos os cantos do mundo, seus efeitos não são os únicos a serem considerados. Da mesma forma, as sociologias da Ásia, da África e da América Latina não são obrigadas a usar o campesinato, as populações indígenas, o conhecimento tradicional ou a pobreza

RESISTINDO À BARBÁRIE E O FAZER SOCIOLÓGICO

para descrever o mundo simplesmente porque estão localizadas no Sul (Rosa, 2016, p. 10, tradução nossa⁷).

Além disso, os efeitos do colonial produziram classificações dos seres do eixo do Sul global, para Quijano (2000) isso ocorreu em termos generalizados, sendo descritos sem a sua complexidade ser considerada. A história do povo Yanomami é um exemplo dessa violência classificatória, como no livro de Napoleon Chagnon "Yanomami: The Fierce People", descrevendo-os enquanto "agressivos" e em um "estado de guerra crônica" (Oliveira; Souza, 2018). Este livro, que teve seu primeiro lançamento em 1970 e relançado diversas vezes, possui como tese o mito do "selvagem brutal" e sem nenhuma surpresa, não contou com a participação dos Yanomami para sua elaboração e debates (Oliveira; Souza, 2018).

O eixo Euro-Americano, ao negar e apagar demais conhecimentos, realidades e mundos, torna-se o único detentor do poder de narrativa. A América Latina e os actantes que a constituem, são colocados diante de uma face de dominação, exploração e apagamento e a condição de subalternidade em relação ao eixo hegemônico é estabelecida (Quijano, 2000). Logo, o conhecimento constitui-se enquanto um instrumento de colonização, através da colonialidade do poder e do saber. Como Latour (2020) aponta, não podemos mais contar as mesmas histórias, nesse sentido, Kopenawa e Albert (2015) apontam para uma ruptura com essa história euro-americana, em especial nesse trabalho coletivo da escrita colaborativa. Kopenawa para Albert:

Nós éramos jovens, e no começo você não me conhecia. Nossos pensamentos e nossas vidas são diferentes, porque você é filho dessa outra gente, que chamamos de napë. Seus professores não o haviam ensinado a sonhar, como nós fazemos. Apesar disso, você veio até mim e se tornou meu amigo. Você ficou do meu lado e, mais tarde, quis conhecer os dizeres dos xapiri, que na sua língua vocês chamam de espíritos. Então, entreguei a você minhas palavras e lhe pedi para levá-las longe, para serem conhecidas pelos brancos,

⁷"In spite of the fact that the ideas associated with modernity have reached all corners of the world, its effects are not the only ones to be considered. Similarly, the sociologies of Asia, Africa and Latin America are not obliged to use the peasantry, the indigenous populations, traditional knowledge or poverty to describe the world simply because they happen to be located in the South".

RESISTINDO À BARBÁRIE E O FAZER SOCIOLÓGICO

que não sabem nada sobre nós. [...] poucos são os brancos que escutam nossa fala desse modo. Assim, eu lhe dei meu histórico, para você responder aos que se perguntam o que pensam os habitantes da floresta (Kopenawa; Albert, 2015, p. 63)

Kopenawa já nos alertou para a queda do céu, então é necessário que reconheçamos que o fazer sociológico deva ser uma tarefa político-metodológica (Rosa, 2016), para podermos diminuir tanto os efeitos da intrusão de Gaia, quanto os efeitos da colonialidade de poder e de saber (Quijano, 2000) e saibamos que o que está em jogo nesta guerra entre humanos e terranos são as condições de existência do mundo como o conhecemos. Segundo Stengers (2015, p. 7), “é importante aprender a assumir o que agora sabemos, tomar conhecimento de nossas obrigações diante do que está acontecendo”.

As Teorias do Sul exigem uma disciplina que abarque as reivindicações geopolíticas em relação à produção da teoria social e os elementos negligenciados pela sociologia hegemônica (Rosa, 2016). Em uma entrevista, Stengers aponta como caminho, desacelerarmos e pensarmos a ciência de forma coletiva e irmos contra a hierarquia das ciências e do conhecimento (Pinheiro Dias; *et al.*, 2016). Nesse sentido, criar metodologias que consigam mapear efeitos ainda não catalogados, é essencial para que seja possível abarcar as reivindicações e potencialidades críticas dos escritos “do Sul”.

A proposta de reagregar o social, de Bruno Latour (2012) parece ser o instrumento que consegue abarcar tais reivindicações, uma vez que extingue a hierarquia entre os humanos e os não humanos. E, compreende o social enquanto o produto das inúmeras associações entre os actantes, que quando investigadas revelam suas controvérsias. Desse modo, a Teoria do Ator-Rede possibilita um refúgio para intrusão de Gaia (Stengers, 2015) e para nos questionarmos sobre como respondê-la, para além da barbárie. Esse exercício de mapear as controvérsias e de descrever parece ser um passo promissor para potencializar as críticas das Teorias do Sul, porque “não é apenas informar, mas também alarmar, comover, por em movimento, chamar à ação” (Latour, 2020, p. 51).

Diante disso, se pensarmos as Teorias do Sul em conjunto com as proposições da Teoria do Ator-Rede, como a de que um actante só pode ser reconhecido após ter atuado no mundo e que sua

ação é o efeito, o modelo sociológico euro-americano seria deixado de lado (Rosa, 2016). Logo, para que o caminho para construirmos uma sociologia para tempos de barbárie possa ser tecido, é imprescindível considerarmos as diversas formas de existência, assim como seus reais efeitos e diferenças sobre o mundo, pois estamos em uma época do caos e precisamos evitar a barbárie.

Considerações finais

O artigo teve como objetivo refletir sobre as aproximações entre Teoria do Ator-Rede e as Teorias do Sul e as possibilidades que elas nos apresentam para repensarmos nosso fazer sociológico que propicie abordarmos os desafios no tempo das catástrofes, com base as obras de Latour (2012), Stengers (2015; 2018), Kopenawa e Albert (2015) e Rosa (2016). No decorrer deste exercício de exploração das teorias, apresentamos, brevemente, as duas teorias, suas contraposições e potencialidades nessa aproximação. E, apontamos alguns caminhos possíveis, nesse desafio do fazer sociologia no tempo das catástrofes.

Assim, para que o eixo Euro-Americano seja enfrentado e questionado sobre sua ontologia, que descarta o que não é homogêneo e coloniza e destrói o coletivo, repensar o nosso fazer científico é necessário. Dessa forma, a proposta de formar essa dupla, abre caminhos para que uma virada na definição teórica do fazer sociologia ocorra e que a disciplina seja capaz de resistir à expansão da guerra econômica e social, que leva a morte para os humanos e não humanos. E ao alargarmos a nossa visão, considerando a perspectiva latouriana, e reconhecemos como os não humanos, assim como os humanos, compõem igualmente o mundo, destacamos, também, a importância da constante busca pelo diálogo entre saberes e existências distintas.

Em suma, ao agregar as problemáticas das Teorias do Sul às propostas metodológicas da Teoria do Ator-Rede, o caminho da sociologia Euro-Americanas é contornado, já que é na multiplicidade de perspectivas, nos embates e na construção de comprometimento nessa empreitada que a possibilidade de produzir algo novo surge. Portanto, ao articular essa perspectiva

realizamos um exercício de uma caminhada que deve continuar a ser percorrida e revisitada.

Referências

- CONNELL, Raewyn. **A eminente revolução nas ciências sociais**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 27(80): 9–20, 2012.
- COUTINHO, Francisco; VIANA, Gabriel. **Alguns elementos da Teoria Ator-Rede**. In: COUTINHO, Francisco; VIANA, Gabriel. (Org.). Teoria Ator-Rede e Educação. Curitiba: Appris, 2019.
- GONZALES, Zuleika Köhler, & BAUM, Carlos. **Desdobrando a Teoria Ator-Rede: Reagregando o Social no trabalho de Bruno Latour**. Revista Polis E Psique, 3(1), 142, 2013.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Editora Companhia das Letras, 2015.
- LATOUR, Bruno. **On technical mediation – philosophy, sociology, genealogy**. Common Knowledge, v. 3, n. 2, p. 29–64. 1994.
- LATOUR, Bruno. **Políticas da natureza**. Como fazer ciência na democracia. Trad. de Carlos Aurélio Mota de Souza. Bauru, SP: Edusc, 2004
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EdUfba, 2012.
- LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno**. Ubu Editora, 2020.
- LANDER, Edgardo. Ciências sociales: saberes coloniais y eurocêntricos. In: LANDER, E (ed.) **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales**. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO. 2000.
- MASSONI, Neusa Teresinha; MOREIRA, Marco Antônio. **A visão etnográfica de Bruno Latour da ciência moderna e a antropologia simétrica**. Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia. Ponta Grossa. Vol. 10, n. 3 (set./dez. 2017), p. 61–80, 2017.

MEDEIROS, Lucas. **No Tempo das Catástrofes: Resenha para resistir à barbárie que se aproxima.** Revista Cronos, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 156–157, 2020.

MIGNOLO, Walter. **Delinking.** Cultural Studies 21(2): 449–514, 2007.

OLIVEIRA, Roberta; SOUZA, Karla. **“Peles de imagens” de Davi Kopenawa e Bruce Albert: um ato de desobediência epistêmica rumo a decolonialidade da história indígena Yanomami.** Revista Temporis[ação] (ISSN 2317–5516), v. 18, n. 1, p. 172–196, 4 jul. 2018.

PINHEIRO DIAS, Jamille; VANZOLINI, Marina; SZTUTMAN, Renato; BORBA, Maria; SCHAVELZON, Salvador. **Uma ciência triste é aquela em que não se dança.** Conversações com Isabelle Stengers. Revista de Antropologia, [S. l.], v. 59, n. 2, p. 155–186, 2016.

QUIJANO, Aníbal. **Coloniality of power and eurocentrism in Latin America.** International Sociology 15(2): 215–32, 2000.

ROSA, Marcelo. **Sociologies of the South and the actor-network-theory: Possible convergences for an ontoformative sociology.** European Journal of Social Theory, 19(4), 485–502, 2016.

SANTAELLA, Lucia; CARDOSO, Tarcísio. **O desconcertante conceito de mediação técnica em Bruno Latour.** MATRIZES, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 167–185, 2015.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima.** Cosac& Naify, 2015

STENGERS, Isabelle. **A proposição cosmopolítica.** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, v.69, p.442–464, 2018.

SZTUTMAN, Renato. **Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers.** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 338–360, abr. 2018.

VENTURINI, Tommaso. **Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory.** Public understanding of science, v. 19, n. 3, p. 258–273, 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Prefácio.** In: KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami.** Editora Companhia das Letras, 2015.